



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL EM NARRATIVAS DE YAGUARÊ YAMÃ

**ODÉLIA BORGES DO CARMO NETA
ORIENTADORA: PROF^a DR^a DELMA PACHECO SICSÚ**

**PARINTINS – AM
2023/2**

ODÉLIA BORGES DO CARMO NETA

MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL EM NARRATIVAS DE YAGUARÊ YAMÃ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito da disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III como requisito do curso de graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

BANCA EXAMINADORA

Delma Pacheco Sicsú (UEA)
Orientadora

Luís Alberto Mendes de Carvalho (UEA)
Membro interno

Alex Viana Pereira (UFPR)
Membro externo

PARINTINS – AM
2023/2

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e Nossa Senhora por me abençoarem nas minhas viagens pelo Rio Amazonas, indo e vindo de minha terra natal Itapiranga-AM para Parintins-AM; por me protegido do mal das ruas quando andei sozinha e por estarem comigo quando eu comecei a morar sozinha.

Agradeço aos meus pais Mauro Borges e Geomara Farias por sempre me incentivaram a estudar, por acreditarem sempre no meu potencial e por terem sido fortes comigo longe deles.

Agradeço ao meu maninho Maurício Victor por também me incentivar, por ter ficado comigo no começo da minha vida acadêmica e por ter sido um irmão protetor como sempre.

Agradeço ao meu namorado Alexandro por compreender a distância física, por sempre me ajudar com situações que eu não sabia lidar.

Agradeço aos meus padrinhos Leonice Serrão e Agostinho Almeida por terem apoiado meus estudos afetivamente e financeiramente.

Agradeço a minha amiga Beatriz Kawamura por ter segurado minha mão nessa reta final, em que eu já me encontrava quase sem forças, a saudade de casa era grande e o psicológico estava abalado, muito obrigada por ter me ajudado.

Agradeço aos meus companheiros de Let20 por terem sido acolhedores comigo e por ficarem felizes a cada conquista que obtive.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha orientadora Delma Sicsú por ter me mostrado a Literatura Indígena, minha paixão, e por ter aberto portas importantes na minha vida acadêmica, muito obrigada.

MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL EM NARRATIVAS DE YAGUARÊ YAMÃ

Odélia Borges do Carmo Neta ¹
Delma Pacheco Sicsú ²

Resumo: Este artigo tem como objetivo mostrar em narrativas do autor Yaguarê Yamã a presença da memória e da identidade cultural. A pesquisa é do tipo de pesquisa bibliográfica, qualitativa e como o método de abordagem dedutivo. As narrativas elencadas para essa pesquisa são das obras *Puratig: O Remo Sagrado* (2001) *Kurumi Guarê no Coração da Amazônia* (2007) e *Contos da Floresta* (2012) do escritor indígena amazonense Yaguarê Yamã. A pesquisa tem como base teórica Almeida e Queiroz (2004) Kambeba (2018), Munduruku (2018), Graúna (2013), Le Goov (1990), Hall (2006), Pereira (2022) e aqueles que auxiliaram no aprofundamento da temática em questão.

Palavras-chave: Literatura Indígena; Yaguarê Yamã; Memória; Identidade cultural

Introdução

A memória para os povos indígenas é o lugar sagrado em que se guarda as suas tradições, costumes, saberes. Mas além da memória, os nativos têm utilizado outros mecanismos de arquivamento para esses saberes. Deste modo, com a aquisição da escrita às memórias e a identidade cultural dos povos, que até então eram passadas por meio da oralidade, através da figura do contador de história, passaram a ser registradas no suporte livro contribuindo assim para que a literatura oral indígena se espalhe para outros lugares pelas páginas do livro impresso.

Escritores indígenas têm assim narrado as memórias de seu povo, registrando os mitos, lendas, costumes e saberes, mas também as lutas e desafios enfrentados pelas nações autóctones. A literatura, é, pois, um instrumento de visibilidade, resistência e protagonismo dos povos originários, cuja história foi contada, por séculos, pelo olhar do não indígena.

Entre esses escritores, destaca-se Yaguarê Yamã, indígena pertencente ao povo Maraguá, por parte de mãe, e descendente do povo Saterê, por parte de pai. O referido escritor conta suas histórias e tradições e de seu povo através de narrativas voltadas para o público infante juvenil em livros cuja identidade e memória de seu lugar de origem ficam marcadas não apenas pelo texto verbal, mas também pelas ilustrações e grafismos que compõem a feitura de seus livros.

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade Estadual do Amazonas - UEA, obdcn.let20@uea.edu.br;

² Doutora e Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Amazonas - UEA, dsicsu@uea.edu.br.



A pesquisa tem como objetivo mostrar em narrativas do autor Yaguarê Yamã, a presença da memória e da identidade cultural, evidenciando a ancestralidade e a tradição do povo Maraguá e Saterê-Mawé nas obras do referido escritor.

Para os escritores indígenas a literatura é uma forma de expressão cultural, de pertencimento e de reafirmação de sua tradição. Por meio dela, eles podem deixar para a posteridade suas memórias e ancestralidade, não só para as suas futuras gerações indígenas, mas também para os não indígenas. Registrar suas histórias no objeto livro é também um mecanismo de resistência e de visibilidade dos povos nativos que por muitos séculos tiveram sua história contada pelo olhar do não indígena.

Ao se pesquisar sobre esta literatura, contribui-se para o enriquecimento teórico sobre ela, bem como contribui-se também para a divulgação desta e para dar visibilidade aos povos nativos que, agora são protagonistas e autores de sua própria história nos inúmeros e diversos livros literários de escritores pertencentes a diferentes etnias, cujos saberes, costumes e tradições impressos nas páginas dos livros mostram a multiculturalidade indígena que há no Brasil.

Metodologia

A pesquisa foi de natureza a qualitativa, pois analisou e interpretou os fenômenos e deu significado a eles, afinal essa natureza “busca compreender o significado que os acontecimentos têm para pessoas comuns, em situações particulares, enfatizando-se a importância da interação simbólica e da cultura para a compreensão do todo” (Jardim e Pereira, 2009, p.3). A pesquisa qualitativa não se importa com número, quantidade, mas sim com o a qualificação dos dados ao decorrer do processo.

No que diz respeito ao método de abordagem, a presente pesquisa contou com o método dedutivo, que consistiu no “método racionalista, que pressupõe a razão com a única forma de chegar ao conhecimento verdadeiro; utiliza uma cadeia de raciocínio descendente, da análise geral para a particular, até a conclusão (GIL, 1994). Este método parte da generalização para confirmá-la pela parte. Nesse este caso, partiu-se dos estudos literários a respeito da memória e da identidade cultural na Literatura Indígena, especificamente, em obras do escritor indígena Yaguarê Yamã, para confirmar ou não a presença desses fenômenos.

O tipo de pesquisa utilizada aqui foi a bibliográfica, pois foram usados como base obras literárias, obras teóricas, artigos e revistas científicas que abrangem o tema proposto. O objeto dessa pesquisa foram as narrativas presentes nas obras *Puratig: O Remo Sagrado* (2001) Kurumi Guarê no *Coração da Amazônia* (2007) e *Contos da Floresta* (2012) do escritor indígena amazonense Yaguarê Yamã. Por fim, A Corrente Crítica Literária utilizada nessa pesquisa foi a Hermenêutica, justamente, por ela ser a teoria que interpreta o sentido, uma vez que essa pesquisa analisou obras literárias.

Fundamentação Teórica

1. Abordagem geral sobre a Literatura Indígena

A literatura indígena, vem ganhando cada vez mais destaque e cada vez mais vem sendo inserida no cotidiano das escolas, universidades e bibliotecas. Muitos podem pensar que essa literatura é nova, mas não é; “mesmo a historicidade indígena, que, nos últimos anos e graça à aquisição da escrita, passou a existir, encontra seu fundamento na palavra dos antepassados – como dizem os índios – seus livros mais preciosos” (Almeida e Queiroz, 2004, p. 261). Isto é, ela vem sendo passada ao longo dos tempos pelas narrativas orais que os mais velhos da aldeia contam, afinal é comum para o povo se reunir para ouvir as histórias sobre a sua tradição e ancestralidade através da memória de seus anciões, como eles fossem “bibliotecas-vivas”.

A literatura autóctone “tornou-se uma ferramenta importante na luta pela manutenção da cultura indígena, facilitando o registro dos conhecimentos que até então eram transmitidos pela oralidade” (Kambeba, 2018, p.39); é uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência. Com a aquisição da escrita essa literatura foi ganhando novos ares, a cultura dos povos nativos possibilitando que a memória ancestral seja divulgada e compilada em diferentes suportes.

Essa Literatura também contribui na luta para quebrar a imagem estereotipada, que por muitos séculos os povos indígenas são taxados, como selvagens, sem cultura, sem história, sujeitos, animais, ingênuos etc.

Os textos escritos por autores indígenas podem nos dar a oportunidade de contarmos uma outra história, sobre nossas tradições que foram desvirtuadas por estranhos que se apropriaram de nossas histórias e as transformaram em folclorismo, modismo literário, justificativas nacionalistas que em muito prejudicaram e distorceram nossas histórias. (Souza, 2018, p. 68)

Do exposto da citação está claro o quão é importante que os povos indígenas falem sobre si mesmos, sobre sua história, pois, uma vez que esta é contada por outros, sua voz é silenciada e sua identidade é distorcida. Porém, por meio da literatura indígena e outras formas de registro de seus saberes, lutas, tradições, os povos originários agora são autores de sua própria história, possibilitando aos seus interlocutores conhecer a história dos povos nativos pelo próprio indígena.

1.1 Os Livros da Floresta

Antes de adentrarmos precisamente na literatura falaremos sobre os chamados Livros da Floresta, pois eles têm um grande papel na introdução das produções indígenas.

A origem dos livros da Floresta se dá a partir dos Movimentos Indígenas de 1970 e da Constituição de 1988. Nesse contexto, os povos indígenas ganham direitos e reconhecimento acerca de suas organizações sociais, costumes, línguas, crenças, tradições e direitos originários a terra que habitam, pelo Artigo 231 da Carta Magna (1988). Com isso surgiu direito a educação, o que originou as escolas nas florestas e com isso a necessidade de um material escolar que condisse com a realidade das crianças indígenas.

Segundo Almeida e Queiroz (2004, p. 195-196) “são livros escritos para auxiliar os professores índios na tarefa de ensinar às crianças das aldeias as artes ler e escrever, cumprem o precípua papel de informar aos brasileiros em geral sobre a existência desses povos”, logo, elas afirmam que os esses livros, denominados aqui Livros da Floresta, servem não só para material escolar para suas crianças, como também transmite para o resto do país sua cultura, com isso os escritores passam a redesenhar o Mundo Novo, revertendo a história vertical que é passada até hoje nas escolas. Eles são o começo do movimento político/literário, em que as autoras destacam que foram criados e claramente se posicionam para a emancipação dos povos indígenas.

Toda essa relevância para os estudos literários tinha como ponto principal “seu produto principal, “o livro com cara de índio”, é resultado de um processo de edição. Essa constatação faz admitir a autoria coletiva e assume um conceito mais pragmático de literatura” (Almeida e Queiroz, 2004, p. 195-196), isto é, uma vez que muitos professores indígenas estavam escrevendo e fazendo materiais escolares segundo seus saberes ancestrais, os leva a serem os primeiros a escreverem sua literatura ou a literatura de sua comunidade, para o ensinamento escolar de suas crianças. Estava acontecendo o fenômeno que eles próprios chamam de “escolas das florestas” em que tinha como base os “livros da floresta”,

com escritos voltados para sua cultura e identidade. E esse processo tem um papel indispensável nos primeiros passos para a Literatura Indígena.

1.2 O início da Literatura Indígena

Depois da conquista educacional dos povos indígenas, as obras de autoria indígenas passam a ser publicadas nas editoras. Já existiam textos super importantes para a Literatura Indígena; abrem caminho para as “futuras produções literárias coletivas e individuais dos índios em várias regiões do território nacional” (Pereira, 2022, p. 91). A primeira obra que merece destaque e inicia a Literatura Indígena é o poema *Identidade Indígena* da autora Eliane Potiguara, publicado pela primeira vez em 1975. Márcia Graúna, a respeito do poema, diz:

Na década 1970, uma geração de poetas brasileiros foi rotulada de marginal por contestar o marasmo ou o marasmático das academias e de outras representações do meio literário, digamos, dominante. À margem desse movimento de vanguarda, a escritora indígena Eliane Potiguara mostrou também a "cara" da poesia indígena no Brasil. Na época, muitos dos parentes de sua etnia e de etnias diferentes ignoravam e alguns desconhecem, ainda hoje, a existência de sua poesia. Contudo, a história de resistência de sua família e de outros parentes indígenas e índios-descendentes foi a gota d'água para Eliane Potiguara expor o poema "Identidade indígena", escrito em 1975 (Graúna, 2013, p. 78).

É um cenário de luta dos povos indígenas e Eliane Potiguara ao ver isso escreve esse poema como forma de resistência, depositando todo o seu sentir. É no poema que vê caminho para falar de sua identidade, da tradição, da ancestralidade, da memória, da luta, da guerra travada por seu povo para que seus direitos fossem reconhecidos. Partindo do sentimento coletivo para o particular e do particular ao coletivo. Tudo que ela sente seu povo sentia e vice-versa.

Esse poema é um grito, como um “soco no estômago” da sociedade opressora, que por muitos anos sufocou a identidade e pertencimento dos povos indígenas. Recordando a data de publicação, 1975, os povos indígenas ainda não tinham seus direitos assegurados por lei. Então foi nesse cenário que os Movimentos Indígenas ganharam forças e o poema *Identidade Indígena* vira a representação escrita, bem como sentida dessa luta pelo reconhecimento histórico, resgate da memória indígena e de seus direitos.

Lembremos da obra *Aypapayû' ùm'ùm ekawen: história dos antigos*, lançada em 1978, que dá início oficialmente as produções de autoria indígena no Brasil. A autora Amanda Machado Alves de Lima destaca em um de seus estudos que:

A publicação de livros pelos próprios índios iniciou-se, no Brasil, no final dos anos 70, com o lançamento de *Aypapayũ' ãm'ãm ekawen*: Histórias dos antigos, em 1978. Esta publicação, em 3 volumes, em língua munduruku e em português, registra várias histórias importantes do povo Munduruku, e também tem uma parte dedicada aos vários tipos de instrumentos musicais dos antigos (Lima, 2012, p. 36)

A obra bilíngue, escrita de forma coletiva, é para seus autores uma forma de valorização de sua cultura, da sua ancestralidade, da sua memória e um resgate de suas tradições. Escreveram essa obra para as suas crianças indígenas, porque muitas não conheciam mais as histórias tradicionais de seu povo. Assim, o livro foi feito para ensiná-las as histórias de sua gente.

Chama-se também a atenção para o fato de a obra ser escrita em duas línguas – Português e Munduruku, e isso nos leva a perceber que escrever também na língua materna é fortalecer não só a língua de cada etnia a qual o escritor pertence, mas também é colocar no livro a sua identidade indígena e o seu pertencimento étnico. Valorizar sua língua materna é um ato de reconhecimento para com sua origem e seus ancestrais.

Indo para o Amazonas e continuando o percurso cronológico, chegamos em 1980, ano em que foi lançado a obra *Antes o Mundo Não Existia* dos autores Umúsin Panlõn Kumu (Firmiano Arantes Lana) e Tolomãn Kenhíri (Luiz Gomes Lana). De acordo com Pereira (2022) Está reunido nesse livro os mais importantes mitos da etnia Desana, na voz de um dos seus grupos de descendência, os Kêhíripõrã - os filhos (dos desenhos) do sonho – a qual os autores pertencem. Esta obra é considerada a primeira obra literária a ganhar destaque e por isso é considerada por muitos como o marco inicial da Literatura Indígena. Abrindo portas para que outras produções indígenas no resto do país nascerem.

Segundo Lima (2018) *Antes o Mundo Não Existia (1980)* foi produzido com o intuito de não deixar a tradição Desana morrer, por isso que Tolomãn Kenhíri (Luiz Gomes Lana) resolveu passar todo o conhecimento oral de seu pai Umúsin Panlõn Kumu (Firmiano Arantes Lana), que era um kumu (sábio na língua Desana), para o objeto livro; primeiramente, da oralidade para escrita, primeiramente na língua Desana escrita e só depois traduzida para o português. Atenta-se aqui para a valorização da tradição, da memória e da identidade indígena através dos mais velhos da aldeia, homens e mulheres respeitados por carregar consigo as histórias, ensinamentos e cultura de seus povos.

Existem ainda outros textos que marcam esse início, mas destaca-se aqui apenas esses que são o começo de tudo. Ainda assim, tudo isso nos mostra a riqueza cultural e intelectual

das obras que marcaram esse começo. Como visto essas obras são cheias de representatividade e valorização do ser indígena.

2. Literatura indígena: para não deixar a memória ancestral desaparecer

Quando nos lembramos de algo que aconteceu no passado, por exemplo, de uma tradição familiar, um antepassado, momentos e ações realizados, é nossa memória trabalhando, porém com o passar dos tempos os humanos perceberam que deveriam registrar essa memória, como bem lembra a professora Danielle Cristina Mendes Pereira em seu artigo “literatura, um lugar da memória” do conceito que o historiador Pierre Nora observou – a literatura como um lugar da memória:

o surgimento de uma noção de temporalidade mais rápida e que acabaria por esfocar a espontaneidade das memórias coletivas, que se fragilizavam. Diante dessa espécie de insuficiência da memória, originou-se a premência de construir intencionalmente lugares de memória, isto é, lugares simbólicos que dariam a sensação de garantir a permanência da memória e da identidade coletiva (Pereira, 2014, p. 348)

A literatura passou a ser suporte para que a memória não desaparecesse, uma vez que por meio das palavras essa memória teria um lugar para garantir essa prolongação ao longo dos anos. E isso é bastante visto na Literatura Indígena, muitos de suas obras nascem, como vimos anteriormente, desse medo do apagamento da memória de sua etnia. Por isso o escritor indígena vira porta-voz da memória e há uma união da memória coletiva e individual, afinal muitas histórias contadas nos livros vêm das experiências que o autor vivenciou em sua aldeia, mas calha que essas experiências são suas tradições, o modo de viver e enxergar o mundo de seu povo, ou seja, há um entrelaçamento entre memórias.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas”. (Le Goff, p. 367, 1990 apud Atlan, 1972, p. 461)

Também é falado novamente sobre o poder de registro que as palavras trazem para a humanidade, afinal a memória humana é falha. Por isso a escrita é importante, pois ultrapassa os tempos, ou seja, chega aonde à memória física pode não chegar. Muito se perder com a morte de um ancião indígena, mesmo a oralidade sendo muito forte para essa cultura, há ainda assim, perdas, por esse motivo passar a armazenar memória ancestral em palavras faz com que essas perdas diminuam. Tudo isso evita o esquecimento sobre esses povos e os estudiosos ganham um material de estudo para conhecer sobre a cultura indígena, pela sua própria

perspectiva.

Ainda assim muitos podem pensar que com a aquisição da escrita ou da língua portuguesa os indígenas passaram por uma forma de perda de identidade, mas como afirma o escritor indígena Daniel Munduruku:

A escrita é uma técnica. É preciso dominar essa técnica com perfeição para poder utilizá-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro (Munduruku, 2018, p. 83)

Não se pode mais pensar em separação, o indígena não é menos indígena se ele escreve ou fala português, porque não é mais só de lá, agora faz parte daqui. A escrita é uma técnica que possibilita o armazenamento memória e utilizá-la não significa negar a origem indígena, afinal a memória precisa de constante atualização e poder registrá-la no suporte livro é um ganho para a luta dos povos indígenas, pois pela escrita pode-se resguardar o saber, a identidade e o conhecimento de cada povo.

3. Literatura: Reafirmando a identidade cultural

Percebe-se anteriormente que a questão da memória presente nas obras literárias indígenas está intimamente ligada a identidade cultural. Quando se aborda esse tema de identidade está se falando de:

um tema que envolve comportamentos cheios de histórias de vida, de crenças, visões de mundo, valores morais e simbólicos. A identidade cultural desenvolve-se como algo vivo, que cada ser humano traz consigo, sendo práticas do dia a dia e convívio mútuo com a comunidade. Ao mesmo tempo em que é particular de cada pessoa, se forma com o meio em que o indivíduo se encontra inserido na sociedade e está ligada ao “habitat natural”, a existência numa sucessão de episódio (Silva, 2018, p. 2)

E isso não é diferente para a temática indígena, quando falamos da identidade cultural indígenas estamos falando de todos os aspectos morais, sociais e ideológicos que cada etnia te apresenta. O sujeito indígena traz consigo suas marcas identitárias que vão se formando ao logo do convívio de cada etnia, logo não podemos falar que há apenas uma identidade indígena, afinal cada etnia tem suas tradições particulares.

Com o passar dos tempos essa identidade foi ganhando novos traços, uma vez que, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...] A identidade



plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2006, p. 13), ou seja, a identidade vai se alinhando e se modificando com as novas realidades a partir das transformações do mundo. E isso acontece também com os povos originários, pois o indígena de hoje não é mais o indígena de antes da colonização, porém mesmo inserido em novas realidades, ele ainda traz consigo a cultura dos seus antepassados, ele atualiza sua memória e transmite sua identidade cultural por novos meios, como a literatura, o que reafirma a identidade indígena.

Há outro pensamento sobre a identidade que precisa ser colocado aqui, pois segundo os estudos de Luciano dos Santos (2011), as identidades culturais nascem do processo de identificação e diferenciação e por esse motivo o autor ressalta a crise nas identidades. Por esse fenômeno pode se dizer

que são nos momentos de crise, de instabilidade, de insegurança que as identidades culturais preferencialmente se manifestam e se reafirmam. Nos momentos de calma e tranquilidade dificilmente há afirmação de identidade, ela só surge em períodos de instabilidade e ameaça interna e externa ao modo tradicional (Santos, 2011, p. 146)

Devido a todo processo de aculturação, assimilação que os povos nativos passaram nas mãos dos colonizadores, a identidade cultural indígena entrou em choque por várias vezes. Mas como Santos (2011) fala acima, os povos indígenas lutaram e lutam para reafirmar e manifestar sua identidade cultural, porque é em momentos como esses que “grita” para ser afirmada por meio dos rituais, grafismos, símbolos, mitos, vestimentas, língua, saberes, tradição. Por isso, há sempre a preocupação de que os saberes ancestrais sejam vividos em todo tempo para que os indígenas reafirmem sua identidade mesmo estando longe do convívio de sua etnia. Daí a necessidade de estes reafirmarem sua identidade nas escolas, nas universidades, nas redes sociais, na política, na sociedade em geral, usando de instrumentos, como a literatura, que o ajude nessa reafirmação identitária.

A Literatura Indígena, como vem sendo dito, é carregada da identidade cultural de seus autores, cada um deles coloca seus traços identitários nos seus textos. Cada detalhe que os livros indígenas têm são importantes para a narrativa e para a cultura que está sendo retratada. Por isso, nos livros indígenas os grafismos, as cores, os símbolos e ilustrações são tão importantes quanto o texto verbal porque são envolvidos de representatividade e do sentimento pertencimento étnico que cada escritor imprime em seus textos.

Análise de dados

Yaguarê Yamã é um dos maiores escritores da Literatura Indígena no Amazonas e no Brasil. Suas histórias são cercadas pela magia de sua infância em sua aldeia e pelas crenças, costumes e tradições de seu povo. (Alves, Pereira, Sá, 2022) Nascido em 1974, na região do baixo Amazonas e pertencente à etnia Maraguá por parte de sua mãe, é também descendente do povo Saterê-Mawé por parte de seu pai. Seu nome significado “tribo de onças pequenas” e seu nome de “branco”, como o próprio costuma falar, é Ozias Gloria de Oliveira. Seu primeiro livro foi lançado em 2001, intitulado *Purating: o remo sagrado*, por incentivo dos seus amigos escritores Daniel Munduruku e Renê Kithãulu. Além de escritor é artista plástico e ilustrador, sua arte gráfica pode ser vista em algumas de suas obras. Yamã é o criador do projeto “De volta às origens” que consiste em um projeto de conscientização, revitalização cultura, inclusão do indígena a sociedade brasileira e pela demarcação de território de seu povo.

Yaguarê também pertence a Associação do Povo Maraguá - ASPIM, ao Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas – NEARIN e ao Instituto Indígena Brasileiro Intelectual (INBRAPI). Com isso sua participação ao Movimento Indígena ganhou forças e seu principal instrumento é a literatura, em que busca evidenciar a identidade, história, costumes, crenças, cultura, língua e os saberes de seu povo que foi silenciado e estigmatizado pelo colonizador por mais de 500 anos no Brasil.

As obras de Yaguarê Yamã retratam as histórias que seus antepassados contaram, bem como os costumes e tradições de seu povo. Em geral, suas narrativas acabam retratando dos povos Sateré-Mawé e Maraguá, uma vez que são considerados povos irmãos por terem culturas próximas e anos de história em comum, tudo isso por morarem em um território único, na região do baixo amazonas, entre Amazonas e Pará. E houve ainda uma miscigenação entre alguns membros dessas etnias, como no caso dos pais do Yaguarê, em que seu pai é do povo Saterê-Mawé e sua mãe do povo Maraguá.

1. Purating: o remo sagrado (2001)

A primeira obra analisada nessa pesquisa é o livro de Yaguarê Yamã, é intitulado *Purating: o remo sagrado (2001)*. Nessa obra Yamã visibiliza a etnia Saterê-Mawé, origem de seu pai, nela faz um compilado de sete narrativas, sendo mitos que foram contadas para durante sua infância por meio da oralidade e esses mitos estavam gravada no Purating, que para



o povo Saterê-Mawé é “o remo sagrado, o bastão sagrado, relator dos mitos e passagens dos tempos mais antigos, instrumento de poder e símbolo maior de nosso povo” (Yamã, 2001, p. 34). Pode-se ver aqui a valorização de um símbolo muito importante para a cultura Saterê-Mawé, é como se o livro fosse o próprio Purantig que carrega em suas páginas as narrativas que representam para seu povo um marco atemporal de ancestralidade e identidade.

O autor atenta na apresentação de sua obra que as narrativas ali presentes têm que ser ouvidas com atenção, como é na tradição de seu povo, pois a arte de ouvir e entender é parte fundamental para compreender o mundo e como fazemos parte dele, o conhecimento faz com que nós entendemos quem somos e porque somos, pois, devemos não apenas viver e sim saber viver. Isso é que os mais velhos passam para as crianças indígenas, por isso o ato de contar história é muito importante, pois é através desse fator que o conhecimento é repassado.

Uns dos primeiros conhecimentos repassado na vida de qualquer povo é de como o mundo surgiu, isto é, o mito cosmogônico, e o escritor o traz como sua primeira narrativa. Os mitos cosmogônicos variam de povo para povo e são um traço próprio de cada cultura. Comparando com o mito cosmogônico cristão trazido pelo outro, o que é contado por Yamã tem elementos bem diferentes.

A primeira diferença é que o mundo teve dois criadores *Tupana* e *Yurupary*, e cada um criou o sol (A'at) e a lua (Waty) onde cada um dominava o dia e a noite, respectivamente, mas nunca se encontravam, por isso criaram uma grande cobra que ficava entre eles, a *Moi Wató Magkarú Sése*. Acabou que os dois astros se apaixonaram com a grande cobra e cada um se deitava com ela quando estava na hora de seu dominar do dia ou a noite. Desse fato, a grande cobra engravidou e não sabia quem era o pai, e quando os astros descobriam cada um se afastou para o céu, dessa gestação a Terra surgiu, e era um paraíso, mas a cobra ainda se procriando e originando as cobras más, com isso os criadores tiram o paraíso da Terra e fizeram com que os animais que ficaram fizessem do corpo da cobra grande a nova Terra, mas como ela não gostou e ao saber que teria que ficar face a face com os astros para que todos não morressem, ela se negou e ficou de face para baixo e por isso todos os seres morrem.

Mostra-se aqui outras diferenças: o fato de que a Terra ter nascido de uma cobra grande, em vez de ter sido pelo criador em 7 dias; pelo fato de a mãe das coisas ter sido a cobra grande e ela ter se tornado a Terra e a que gerou tornasse o paraíso. Aqui a cobra mesmo desobedecendo é parte fundamental na origem do mundo. Pode-se ver a presença de elementos característicos dessa etnia, como a cobra e os dois criadores. O enredo tem



temáticas como traição, punição e vingança unidas com a temática de nascimento e vida, opostos que aqui trazem uma imagem de que o universo foi criado não de um jeito perfeito, o que traz mensagens a serem refletidas.

O jeito como são construídas as narrativas de origem são únicas e fazem com que cada um tenha um conhecimento próprio acerca do que se trata sobre o surgimento do mundo, cada povo usa de mensagem e elementos próprios para contá-la. Tudo isso faz parte da cultura e da crença da etnia Saterê-Mawé.

Outra narrativa que chama atenção nessa obra, é sobre o mito “A origem dos Mawé”. Nesse mito de origem carrega em suas palavras a crença de como surgiu o povo Mawé. Tudo começa com a morte do filho de Anhyã-Muasawê que fora enterrado por sua mãe perto da árvore abiu’rana, que se encontrava perto do rio mágico Seremu’y que originou a água e deixou de vigia o karaxué (sábia). A cada barulho que a sepultura fazia karaxué avisava a Anhyã-Muasawê e quando iam ver saía de lá um animal. Anhyã-Muasawê dava os nomes desses animais segundo sua aparência e dava o destino deles na natureza e assim surgiu o quati, o veado, a capivara, o macaco-prego e outros bichos da floresta.

Diante disso, todos pensavam que mais nada sairia de lá, porém quando karaxué começou a cantar sua música favorita, saiu um estrondo enorme e desse barulho surgiu o primeiro Mawé. Quando Anhyã-Muasawê abriu o túmulo tirou seu filho e “pôs-lhe na boca dentes feitos de terra. Em seguida, afiou-os para que fossem iguais aos dentes de piranhas a fim de que mastigasse bem os alimentos. É essa a origem da tradição do Mawé de afiar os dentes” (Yamã, 2001, p. 23). Desde o começo da história o autor conta a origem de várias coisas, desde os animais, e agora fala sobre uma tradição de seu povo, com esse fato pode se ver como a tradição começou e é uma explicação sobre, isso mostra um traço indenitário desse povo. Ao fim da história, Anhyã-Muasawê viu que havia outra criança, gêmeo de seu filho Mary-Aipók (homem verdadeiro) e a ele deu o nome de Wasary-Pót. Desses homens deu-se a origem do povo Mawé.

Nessa narrativa percebe mais marca identitária sobre o povo Saterê-Mawé, com o fato de que os Mawé se originaram de dois homens que nascidos do corpo do filho morto de Anhyã-Muasawê, aqui se nota a presença do místico que é um traço narrativo que os mitos indígenas trazem em suas características. Outro fato muito importante a ser observado que dentro da origem de uma coisa há também a origem de outras, isso é um elemento percebido durante as narrativas de origem, como nesta e na primeira que foi analisada. Junto ao fato de

trazer a explicação da origem de uma tradição, traz a narrativa a caga dos saberes ancestrais, dos conhecimentos que são para o povo parte de seu pertencimento étnico.

Mais uma narrativa relevante nessa obra é a que deu nome a ela, “Puratig: o remo sagrado”. Como já dito anteriormente esse objeto tem um significado muito importante para a etnia Saterê-Mawé, uma vez que, se trata de um instrumento que carrega todas as histórias e conhecimentos desse povo.

Nessa narrativa intitulada com o nome desse objeto importante, é contada a história de como esse ele chegou nas mãos dos indígenas Mawés pela narração do pajé Karumbé, que por acaso é o narrador de basicamente todas as narrativas do livro, isso traz importante figura para o povo indígena que Yaguarê Yamã valoriza e dá destaque que é o contador de história. O contador de história é uma figura muito relevante quando se fala de memória, pois é através dele que a memória dos povos é mantida e repassada para as gerações.

Dando início a história o pajé, após desafiar as crianças a prenderem a respiração se quisessem mais uma história, contou que o Puratig foi tirado das mãos dos demônios Ahiag e dado ao povo pelo tuxawa-geral ãnumaréhi'yt, afinal porque nele “estavam contidas podres que podiam ser usados para o bem ou para o mal, dependendo de quem o possuísse” (Yamã, 2001, p. 34).

Observa-se já no começo da narrativa um teor de misticidade que o acompanha até o fim dela, bem como explicar o poder que tal objeto tem e que leva a explicar a crença nele, sucessivamente, a dizer para o leitor o porquê que o povo o tê-lo como um símbolo significativo para cultura Saterê-Mawé.

Dando continuidade, depois de vários acontecimentos – dos demônios acharem a casa do tuxawa-chefe, deles pegarem o objeto sagrado, tentarem fazer uma emboscada, mas no fim serem vencidos por ãnumaréhi'yt e sua sabedoria – é que o autor termina sua história falando novamente sobre o Purantig, que o verdadeiro foi levada pelo primeiro boto para o mundo dos encantos para servir de cetro imperial, mas como este remo matava muitos seres, foi devolvido para terra aos poucos, com isso o autor encerra “ ainda hoje existem Purantig na área indígena Sateré-Mawé. No entanto, poucas pessoas conhecem sua história. Eles não têm mais poder e são apenas cópias do primeiro Purantig, a arma de defesa indigna” (Yamã, 2001, p. 37).

Observemos nessa última fala do autor, quando aparenta uma preocupação que o povo indígena vem enfrentado, que é a luta para não deixar que as histórias de seu povo sumam na

atualidade, por isso contá-las e registrá-las é de suma importância, porque são elas que trazem empregadas nas suas palavras imagens que são a memória e a identidade de um povo indígena.

Nessa obra de Yaguaré Yamã é carregada do saber indígena da etnia Sateré-Mawé, por contar os mitos e histórias contadas pelo pajé Karumbé que traz em seu contar a ancestralidade dos conhecimentos indígenas, e ao usar em suas narrativas o laço entre o contador de história com as crianças da comunidade, Yamã traz a importância desse elo para que o legado indígena não desapareça, e ao dá destaque a isso, valoriza e deixa nas páginas de sua obra sua ancestralidade e sua identidade como indígena, por meio da sua memória.

2. Kurumi Guaré no Coração da Amazônia (2007)

Por falar em memória, a segunda obra analisada aqui é carregada de lembranças de Yaguaré Yamã, precisamente de sua infância no seu mundo mágico da floresta, *Kurumi Guaré no Coração da Amazônia (2007)*, com o gênero literário autobiografia/aventura. Essa obra transmite em suas páginas as memórias do pequeno Yaguaré em doze narrativas que contam a perspectiva de uma criança crescendo no coração da Amazônia, o que faz com que os seus leitores conheçam como foi viver e crescer com as tradições e costumes indígenas Maraguá, como também as dificuldades e desafios enfrentados pelo povo.

Uma das narrativas presentes na obra é “Aventuras de infância”, nela o narrador em primeira pessoa, que é o próprio Yamã, fala sobre as aventuras de sua infância como pular no rio três vezes por dia; caçar que para o pequeno era sua aventura favorita, isso lembra que segundo Yamã et al no livro *Maraguápéyára* “a caça é uma atividade que os Maraguás praticam por paixão. Percorrendo grandes distâncias, não importando a hora ou o dia de chegar e sim a *marupira* da caçada” (Yamã et al, 2014, p. 23), ou seja, caçar é uma atividade que não só o pequeno Yaguaré gostava, mas para toda sua gente, isso faz com que possa se perceber fenômeno identitário de que uma característica coletiva seja também de característica individual e vice-versa, isto é, o pequeno representa o gosto coletivo de sua etnia pela caça e isso se torna um traço cultural de sua comunidade e dele mesmo.

Outra aventura bem comum conta que fazia com seus amigos, era as expedições pela floresta imaginando que são “grandes guerreiros do passado, treinando seus gestos, procurando andar sem se perder” (Yamã, 2007, p. 11) e pelo fato de seus pais confiarem em suas aprendizagens, sabiam que estavam bem, nisso Yamã abre um parêntese para explicar ao

leitor esse fato “Na floresta é assim, os pais sempre confiam na sabedoria dos filhos, não é por acaso que a criança indígena é livre e tem liberdade para aprender brincando”(Yamã, 2007, p. 12), aqui mostra como é a criação das crianças indígenas Maraguá, por meio das aventuras vividas livremente pela floresta que aprendem sobre a vida, saberes tradicionais, a caçar e a nadar e como lidar com a mata.

Ao dar continuidade a sua narrativa, o autor conta sobre uma aventura específica que teve com seus amigos, nela eles andaram tanto que acabaram indo para fronteira do Amazonas com o Pará, o que não era longe de sua aldeia, na volta no meio da corrida entre a campina extensa, avistou araras vermelhas e pretas que os pajés diziam ser as avós deles, o que é comum da crença indígena que sua origem vem dos animais, e o uso do terno “avós” é sinal de respeito para com eles. Nisso, por intermeio de uma pergunta sobre o porquê de as araras serem as avós deles, o pequeno Yaguarê aproveitou para lembrar e explicar para os amigos a história que o pajé conta sobre a origem do povo Maraguá:

Nada demais- disse. - Só que somos netos de Yawry-Monãg e Wasiry-Monãg, os deuses criadores de nosso povo, então netos das suas esposas, que são Arara Vermelha e a filha do Guarungu, o Peixe-boi. O pajé falou que usamos as penas vermelhas da arara-pirãga em nossos cocares e na luva de tukãdeira juntamente para homenageá-la como nossa avó, pois foi a herança que ela nos deixou quando se casou com Yawry-Monãg, nossa avó mais velha. (Yamã, 2007, p. 12-13)

Nota-se aqui a representação do contador de história, novamente o autor traz essa a imagem dessa pessoa só que agora na figura do pequeno Yaguarê. Ao contar aos seus amigos mostra que aprendeu de forma exemplar o conhecimento passado pelo pajé através da história, e ao repassar isso faz dele também transmissor desse conhecimento, o que deixa orgulhoso de si “E me pus na frente, aproveitando o momento de meu prestígio como “sábio mirim”. E segui muito feliz por ter repassado direitinho o ensinamento que o pajé havia me ensinado” (Yamã. 2007, p. 13). Aqui há de forma viva a representação de passar os ensinamentos pela oralidade, pelo ato do contador de história e isso é passado de gerações em gerações. Ao final do conto, relata mais aventuras que teve com seus amigos, como fugiram de porcos do mato pulando no rio, típicas aventuras que jamais contariam a seus pais.

Nessa narrativa é possível ver a vida de uma criança que tem como cenário de suas brincadeiras a floresta amazônica e como ele mesmo diz, preservada. As aventuras por ele vivido e tudo que aprendeu nesse período de sua vida refletem na sua vida adulta e lembrar isso é como se fosse visita a sua origem reafirmada pelas suas memórias a sua identidade



como criança indígena. Mesmo sendo uma infância sem regalias, foi a melhor possível que uma criança possa viver.

Outra narrativa que é destacada aqui é a “Vivendo a tradição”. Nela o Yaguarê nos conta que foi trabalho de seu pai o ensinar sobre as tradições de seu povo e como de costume esse ensinamento foi repassado por meio das histórias contadas oralmente. Seu pai reunia os filhos e antes de contar a história tocava na flauta uma melodia tranquila. E ao tocá-la todos já sabiam que vinha história por aí, e todas as crianças se aproximavam, “aquele era o ponto de partida para uma viagem ao mundo encantado do povo Maraguá” (Yamã, 2007, p. 25). Outro momento de contar história que ele adorava era o da sessão dos adultos, onde eram contadas as histórias de *visaje* ou de assombração, um ponto muito interessante uma vez que o Povo Maraguá é conhecido por ser o povo das histórias de *visaje*, e mesmo com medo todas as noites, junto com seus amigos estavam lá para escutar. E de novo é mostrado o contar de história como instrumento de preservação dos conhecimentos ancestrais.

Segue dizendo sobre como a infância dele foi significativa em sua vida, para Yaguarê “Nosso mundo é mágico e fica para sempre preso na lembrança. Tudo o que aconteceu com a gente, ou está acontecendo enquanto criança, fica em nossa alma como se fosse gravada com ferro em fogo” (Yamã, 2007, p. 27). Essa passagem mostra como tudo que foi vivido e como sua realidade na infância transcende até sua vida adulta, a base de sua identidade indígena, pois é nela que teve seus primeiros contatos com sua tradição e cultura ancestral, tudo por intermédio dos mais velhos como os pajés e principalmente seu pai.

Para sua comunidade a alma cresce junto com a pessoa e ao crescer em sabedoria tradicional transmite para as outras almas o ser o que a natureza quer deles “Se ouvirmos nossos velhos, obteremos o conhecimento sobre as coisas boas porque elas são a natureza e a natureza é tudo de bom para nossa alma” (Yamã, 2007, p. 28), tudo isso faz parte do pertencimento étnico dessa etnia, respeitar os mais velhos por serem os portadores do conhecimento ancestral, respeitar a natureza, e ao crescer a alma, passar tudo isso para os pequenos que vem a nascer, “sempre há o momento de aprender e sempre há o momento de ensinar” (Yamã, 2007, p. 28).

Nessa narrativa, Yamã vem trazer para seus leitores como funciona a educação das crianças indígenas de seu povo, aqui o contar das histórias de seu povo, os mitos e as tradições são essenciais para o crescimento intelectual e étnico da criança indígena. Todo esse processo tem como consequência um adulto conhecedor de sua origem, religião, costumes e



tradições de sua etnia, fortalece o seu pertencimento e mesmo ao sair de sua comunidade todas essas coisas continuam gravadas em suas almas. E ao dar continuidade a esse processo, evita o apagamento de sua cultura e a fortalece mais e mais.

Há duas outras narrativas que merecem destaque aqui, principalmente retratos de viver a tradição de seu povo enquanto religião e ritual, “Encontrando meu espírito” e “Ritual da tukandeira”. Essas narrativas carregam as mais especiais manifestações da cultura do Povo Maraguá.

Na primeira, Yaguarê fala sobre o dia que encontrou seu espírito, o Maraguá e Saterê-Mawé compartilham da mesma religião chamada Urupatópig e nela há, como todas as religiões tradicionais, espíritos ligados a natureza, nesse caso são seis: o espírito do pássaro, da floresta, do cachorro, da onça, da cobra e do peixe. O autor conta que no seu nascimento o pajé consultou os espíritos, e dentro deles o espírito da Tapirayawara, o espírito da onça, e foi escolhido como seu espírito protetor. Um dia seu pai o acordou cedo e o levou para conhecer seu espírito, depois de se embrenharem pela mata fechada, o pai o deixou sozinho e não demorou muito ouviu rosnados fortes e quando passaram sentiu em sua nuca um animal enorme fungando. Quando tudo terminou, encontrou seu pai novamente e voltaram para casa.

Yaguarê relata que “Ao pôr-do-sol, meu pai se reuniu com os outros anciões e deu-me por integrado à religiosidade de nosso povo. A partir daquele momento meu nome teria sentido, a partir daquele momento eu era o todo orgulhoso Yaguarê Yamã, tribo de onça pequena” (Yamã, 2007, p. 35). E com essas palavras fortes termina sua narrativa, orgulho de seu nome, feliz com a experiência vivida e de exercer sua religiosidade. Aqui há a uma das mais belas manifestações de identidade cultura indígena, pois por meio de uma sessão sobrenatural que essa obra transmite para os seus leitores. É religião, é vivência, é tradição, é memória, é cultura viva Maraguá.

Chega ao ritual da *tukãdeira*. Segundo Yamã *et al* (2014, p. 52) esse ritual “de origem sateré-mawé, por algum tempo o *Waiperiá* suplantou a prática do *Wakaripé*. Desde os primeiros contatos até a incorporação de muitos Maraguás à cultura sateré, o ritual *Waiperiá* vinha sendo praticada, mas não por todos”. O *Waiperiá*, o ritual da tukandeira, era um ritual propriamente do povo Sateré-Mawé, mas que por um tempo alguns Maraguás pegaram para si, deixando de lado *Wakaripé* que é um ritual de passagem próprio dos Maraguás. O pequeno Yaguarê passa pelo ritual da tukandeira, que era muito importante pois mostraria sua força para seu primeiro amor Guataçara-morãga.



O ritual começou “vestindo a Sa’ary pe, luva de tukãdeira, pus-me a dançar. Enquanto dançávamos, minhas mãos eram ferradas por raivosas tukãdeiras, as venenosíssimas formigas gigantes da Amazônia” (Yamã, 2007, p. 68). E os rituais de passagem são tradição nas culturas indígenas, cada etnia com a sua e cada gênero tem o seu, Yamã mostra aqui toda sua coragem ao passar por esse teste de bravura e segundo a tradição, se torna adulto “Agora não era mais somente Yaguarê Yamã, tribo de onça pequena, apenas um menino entre muitos, eu tinha me tornado Yaguarê Yamã, um respeitado adulto de minha nação” (Yamã, 2007, p. 69). Todo esse processo é cultural tradicional de seu povo e passar por isso é ser parte de sua origem, é respeitar suas tradições e manifestações, é reafirmar sua identidade.

Nessa obra ainda há muitas outras narrativas que contam sobre a infância do pequeno Yaguarê, como quando uma cobra grande apareceu no porto de sua aldeia; sobre sua religião que acredita em entidades e espíritos bons e maus; na história dos encantados como o boto; o contato com o homem branco por meio dos missionários evangélicos; seu primeiro contato com a cidade que era Novo Olinda do Norte e a mais dolorosa que foi perder seu irmãozinho. Todos esses acontecimentos são representações reais da vida de uma criança indígenas, são percas e encontros, são conhecimentos que moldaram sua existência no mundo. E nessa obra Yaguarê Yamã transmite por meio de suas memórias infantis, sua ancestralidade e ressignifica a história de seu povo, mostra para seus leitores como de fato é a vida de uma criança nascida e criadas aos moldes de um povo originário, e como é importante e maravilhoso viverem sua religião, suas aventuras na floresta, o ouvir e contar de histórias para passarem e repassarem os saberes ancestrais, suas tradições e sua cultura. E tudo isso leva para um adulto que carrega sua identidade indígena para todos os lugares que passa, como Yamã em sua literatura.

3. Mitos indígenas e a identidade Maraguá em *Contos da floresta* (2012)

Como já foi dito, o povo Maraguá é conhecido por suas histórias de assombração e nessa obra, *Contos da floresta* (2012), que conta com seu gênero conto/jovem, Yamã compila três mitos e três lendas de seu povo que vão desde assustar até mesmo de fazer rir. O contar histórias de *visaje* é cultura e tradição desse povo, segundo Yamã et al “conhecidos por suas histórias de fantasmas, os Maraguás têm em sua mitologia uma rica e variada cultura de seres e *visajes*” (Yamã et al, 2014, p. 83), e em *Contos da floresta* (2012) ele traz esses seres e *visajes* nas suas páginas. Deu-se destaque aqui as três narrativas mitológicas: “História de Kãwéra”, “As makukáwas”, “História de Mapinguary”.



Em “História de Kãwéra”, conta que um homem, Dizoáp, mesmo sabendo dos acontecidos com seu cunhado com o *kãwéra*, monstro alados com asas de morcego, e mesmo com os avisos da fera para não caçar no local em que diziam ser dela, foi a enfrentar por teimosia. Pensava que dominaria a fera e a faria ir embora, mas na realidade tentou de tudo e foi capturado por *kãwéra*, em que o castigou em se transformar também em *kãwéra* “Agora, você é um dos meus. [...] Vá para o lago onde o encontrei e cuide daquele lugar como se fosse eu, porque lá existem muitas riquezas que não podem ser mexidas” (Yamã, 2012, p. 17). O protagonista dessa narrativa é segundo a tradição Maraguá “pertencente à ordem dos seres, *Kãwéras* são mais do que simples entidades. São demônios alados criados por *Anhãga* [...]. Uma outra versão, conta que foram criados para atormentarem a todos que entrassem na floresta com a intenção de desmatá-la” (Yamã et al, 2014, p. 116). Aqui acaba melhor a segunda versão, uma vez que o monstro quer proteger o local, pois há nele muitas riquezas, aqui mostra-se que a crença do povo Maraguá, que os seres protegem a mata e caso haja desobediência ou enfrentamento, acaba acontecendo castigos, o que causa conscientização para não a destruir.

Nota-se aqui a presença de uma das criaturas dos mitos da tradição Maraguá. A crença nessa criatura é passada para as gerações por meio do contador de história, ou seja, da memória individual que passa a ser coletiva no decorrer dos anos. Com isso o imaginário desse povo passa a ser repleto de seres monstruosos que protegem a floresta. O contar e o crer passa a ser parte dessa cultura, o que se torna parte de sua identidade. E isso se segue no segundo mito.

Em “As *makukáwas*”, um homem matou várias *makukáwas*, sua esposa preguiçosa, limpando as aves e reclamando do canto do pássaro tipuã disse “Ah tipuã, se você fosse um homem, na certa, não ficava aí cantando viria me ajudar a fazer a janta” (Yamã, 2012, p. 20), nisso apareceu um homem com pernas de pássaros e a ajudou depenar todas as aves, mesmo com medo não disse nada, então o homem disse que ficaria para o jantar. A mulher não sabia, mas estava falando com o protetor da floresta, o pai das *makukáwas*, *Makukawaguá*. Depois de vários acontecimentos, da carne das aves não amolecer e delas reviverem, o protetor delas se manifestou dizendo “vou lhe avisar. E que isso sirva de lição para vocês. As *makukáwas* são bichos visajentos e não podem ser mortas aos montes, por só uma pessoa. Se isso acontecer, venho em visita e assombro o caçador” (Yamã, 2012, p. 24). É mostrado aqui a entidade protetora das *makukáwas*, o que faz sentido afinal “na mitologia, as entidades têm

grande importância para natureza” (Yamã et al, 2014, p. 83). Nos mitos são frequentes que as entidades tenham como sua função a proteção dos animais e das matas para que eles não sejam destruídos e para aqueles que fazem mal para natureza, acabam assombrados ou mortos.

Aqui novamente há um protetor da natureza e como de costume a narrativa conta sobre as consequências para aqueles que querem usufruir da natureza de forma errada. Ao contar histórias com teor de desgraça, o contador de história pretende que seus ouvintes tenham fazer coisas semelhantes da história. Com isso, ensina sobre o amor e proteção à mata. Afinal, para os indígenas a natureza deve ser sempre respeitada e protegida, pois a uma ligação muito forte entre os povos e o lugar que moram. O respeito a mata vai de encontro com a identidade cultural desses povos.

Finalmente em História de “Mapinguary”, o autor traz a figura do *Mapinguary* que segundo Yamã et al “não é espírito nem *visaje*, mas tem uma grande força e pela sua aparência e ferocidade é uma das entidades mais temidas” (Yamã, 2014, p. 132). Nessa narrativa assustadora, conta sobre um episódio ocorrido com essa grande besta, em que dois homens que ao saíram para caçar e não acharam nada, um deles com fome comeu um pedaço de carne suspensa em uma forquilha no meio da mata sem ninguém por perto, no dia seguinte se transformou em um *Mapinguary*. Ao se transformar passa a perseguir seu companheiro mais velho, que o avisou que não devia comer a tal carne, até uma aldeia. Nessa aldeia o homem mais velho contou o ocorrido e os homens mais corajosos foram enfrentá-lo, só que o monstro não apareceu. Nessa avistaram novamente outro pedaço de carne, os mais sábios não comeram, mais o mais teimoso sim e no dia seguinte desapareceu. Isso aconteceu com mais homens dessa aldeia, seus filhos querendo seus pais de volta, foram atrás. Os encontram em forma humana, mas quando chegava a noite já se transformavam em *Mapinguary*, os filhos insistiram para que voltassem, mas um deles disse “[...] somos agora moradores da mata. Temos outra missão, que é de defender a floresta na forma de Mapinguarys.” (Yamã, 2012, p. 34). Com essa história justificada a crença Maraguá de não comer resto de carne e nem frutas no meio da mata para não se transformarem em *Mapinguary*.

Já nessa narrativa há a presença de umas das criaturas mais temidas do imaginário amazônico, o *Mapinguary*. Essa narrativa, mostra mais uma vez as crenças que o povo Maraguás traz em sua memória, principalmente no fato de associar os resíduos de carne ou fruta encontrados à deriva na floresta como traço de maldição da criatura exposta no conto

que, mesmo sendo uma das criaturas mais perversas, é também protetor da mata. Aqui também há ensinamentos tradicionais desse povo: como de aprender escutar e respeitar os mais velhos porque são os mais sábios da aldeia, justamente por serem os mais vividos, terem mais experiência; a teimosia pode causar desastres na vida de quem desobedece a etc. Todos esses ensinamentos, costumes e tradições são marcas da identidade indígena desse povo.

Nota-se em ambos os mitos as entidades e seres assustadores como figuras principais da história e têm por sua existência a função de protetores da natureza. Segundo Yamã “os mitos explicam a vida e as leis da natureza, reverenciam a bravura, a verdade. São matéria de fé e traduzem valores sagrados” (Yamã, 2012, p. 56), isso significa que, para cultura indígena, ainda mais na Maraguá, contar histórias com personagens monstruosos serve para ensinar aos membros da comunidade a enfrentar o mundo e o futuro que ainda não se conhece. Uma vez que muitas coisas que acontecem na nossa vida podem parecer como visagem e aprender a lidar com qualquer tipo de coisa assustadora é aconselhável, com isso se dá a importância para esse tipo de história.

A narrativa também ensina as pessoas a não temerem, mas respeitarem e saberem lidar com a natureza. Tais ensinamentos fazem parte do aprendizado das pessoas na aldeia desde criança e contribui na manutenção da tradição e identidade do povo Maraguá.

4. Ilustrações, símbolos e palavras maternas em narrativas de Yaguarê Yamã

Em um livro indígena as ilustrações são um ponto fundamental para o enredo. Representam símbolos, grafismos ou desenhos que são importantes para a etnia a qual o escritor pertence. No livro impresso, as ilustrações se misturam com as palavras e ajudam contar a história e a registrar a identidade cultural de um povo.

Em *Puratig: o remo sagrado* (2001) as ilustrações foram feitas não somente por Yamã e Queila da Glória, irmã do escritor, mas também pelas próprias crianças Saterê-Mawé. Transmitindo em cada desenho um complemento a narrativa, (anexo 1 – imagem 1) e registrando os traços identitários pelo olhar artístico da criança e do adulto que ilustraram as histórias ouvidas nas aldeias e o conhecimento ancestral de seu povo.

Já em *Kurumi Guaré no Coração da Amazônia* (2007), Yamã como autor/ilustrador da obra dá imprime a cada narrativa uma ilustração que conversa respectivamente com sua história, (anexo 1 – imagem 2). Por exemplo em “Aventuras de infância” a ilustração representa uma floresta mágica que é palco das aventuras do pequeno Yaguarê. Afinal a

floresta tem um papel muito importante na vida do autor, pois foi nela que cresceu seguindo suas tradições e obtendo conhecimentos para vida.

Em “Encontrando meu espírito” a ilustração representa *Tapirayawara* o espírito da onça que é o espírito protetor de Yaguarê, que representa sua religião e crenças, seu encontro com seu espírito; e em *Ritual da tkãadeira* as luvas de tucandeira são colocadas para representar o ritual de passagem que o pequeno enfrenta, momento importante na sua infância. Nessa obra também, Yamã conclui cada narrativa com um símbolo Maraguá (anexo 1 – imagem 3); que representam o fio condutor da história, são como o significado de cada uma delas e pode-se dizer que são o “resumo” da narrativa. Por exemplo, em “Vivendo a tradição” o símbolo utilizado é o do conhecimento, que é basicamente o que a obra demonstra como as crianças aprendem e vivem sua tradição, o que causa o conhecimento sobre sua cultura.

Como em *Puratig: o remo sagrado (2001)*, *Contos da floresta (2012)* usa das ilustrações para dar vivacidade a narrativa, elas servem para que os leitores visualizem os acontecimentos e como são as entidades representadas. Luana Guiger ilustra os seres dos mitos contados na obra, como por exemplo *Mapinguary* e o *Kãwéra*, (anexo 1 – imagem 4), demonstrando como se imagina a aparência desses seres na crença do povo Maraguá.

Outro fator que carrega a identidade cultural nessas obras é a utilização da língua materna, pois o autor usa termos que são próprios de sua língua materna durante o cantar da história, por isso é frequente a utilização de glossários (anexo 2 – imagens 1, 2 e 3). Além de mostrar o seu pertencimento étnico por falar de seu povo, o autor também demonstra o seu pertencimento linguístico ao usar palavras pertencentes à sua língua materna.

Tanto o uso das ilustrações, quanto o uso da língua materna mostram ao leitor particularidades identitárias indígenas na obra. Por isso a leitura de um livro indígena como esse exige não apenas ler as palavras, mas também as ilustrações, pois elas trazem pontos preciosos que o autor quer transmitir junto com o texto verbal como a tradição, identidade, pertencimento étnico e valorização de suas raízes ancestrais.

Considerações Finais

Em virtude de tudo que foi exposto, pode-se dizer que a Literatura se tornou uma arma na luta e resistência dos povos originários. Virou um instrumento de propagação da história e da cultura indígena, que por muito tempo foi apagada. Ao ressignificar a história dos povos

indígenas, vem combater os estigmas negativos colocadas sobre a pessoa indígena, uma vez que não é mais a visão preconceituosa e etnocêntrica do colonizador exposta no livro, mas sim a visão do próprio indígena, protagonista de sua história de seu povo cuja literatura carrega as memórias ancestrais e a identidade cultural da etnia a qual o escritor pertence.

As narrativas analisadas neste estudo trazem impressas as marcas da memória e da identidade dos povos Maraguá e Sateré Mawé, pois falam da realidade viva das etnias retratadas, registram costumes, tradições, religiosidade, crenças, saberes e costumes. O autor dessas narrativas utiliza da literatura para ressignificar a história de seu povo, agora contada e propagada por meio do objeto livro. Nas páginas do livro a vivência, o contar história pelos anciões que são como bibliotecas-vivas, os rituais, a religiosidade e os costumes reafirmam a identidade, registram a memória e história dos povos nativos pelo olhar do próprio indígena, protagonista e autor de sua história.

A memória do autor Yaguarê Yamã e as memórias que compartilha com seu povo, ganharam, assim, na literatura um novo lugar para serem guardadas, nas páginas dos livros. A identidade cultural Maraguá e Sateré Mawé mantém-se viva na memória, mas também nas páginas do livro, oportunizando assim que os leitores possam conhecer os povos nativos, sua cultura, identidade, história e memória por meio da literatura.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Inês; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica: FALE/UFMG, 2004.

ALVES, Thayla Leite; PEREIRA, Alex Viana; SÁ, Alexandre Lira. **Quem são os/as escritores/as indígenas do Amazonas? In Reescrevendo a terra à vista: a literatura de autoria indígena amazonense em destaque** [recurso eletrônico] / Alex Viana Pereira (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207 p.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JARDIM, Ana Carolina Salgado; PEREIRA, Viviane Santos. **Metodologia Qualitativa: É possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo?** Porto Alegre: 47º Congresso SOBER - Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso

eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, p. (39-44), 2018.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LIMA, Amanda Machado Alves de. **O livro indígena e suas múltiplas grafias**. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LIMA, Carlos Emilio Correa. **Antes o mundo não existia o livro da outra origem do mundo Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem)** - Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ciências Humanas. Letras e Artes Natal. RN, 2018.

MUNDURUKU, Daniel. **Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória. In: Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, p. (81-84), 2018.

PEREIRA, Alex Viana. **Uma introdução à literatura da floresta. In: Reescrevendo a terra à vista: a literatura de autoria indígena amazonense em destaque** [recurso eletrônico] / Alex Viana Pereira (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. **Literatura, lugar de memória**. Soletas – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ Número 28 (jul.-dez. 2014).

SANTOS, Luciano dos. **As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas**. Revista Rascunhos Culturais. Coxim/MS. v.2. n.4. p.141-157. Jul./dez.2011.

SILVA, Joselaine Dias de Lima. **Direito à identidade cultural dos povos indígenas no Brasil**. XIV Encontro de história da Ampuh-MS, 2018.

SOUZA, Ely Ribeiro de. **Literatura indígena e direitos autorais. In Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, p. (51-74), 2018.

YAMÃ, Yaguarê. **Puratig: o remo sagrado** / Yaguarê Yamã; ilustrações das crianças Saterê-Mawê, Queila da Gloria e Yaguarê Yamã – São Paul: Peirópolis, 2001.

_____. **Kurumi guaré no coração da amazônia** / Yaguarê Yamã; ilustrações do autor, - 1. ed.- São Paulo: FDT, 2007.

_____. **Contos da Flores** / Yaguarê Yamã; ilustrações Luana Guiger – São Paul: Peirópolis, 2012.

_____. **Maraguápéyára: História do Povo Maraguá**. Yaguarê Yamã; Elias Yaguakág; Uziel Guaynê, Roni Wasiry Guará. - Manaus: Valer, 2014.

ANEXO 1 ILUSTRAÇÕES E SÍMBOLOS

Figura 1



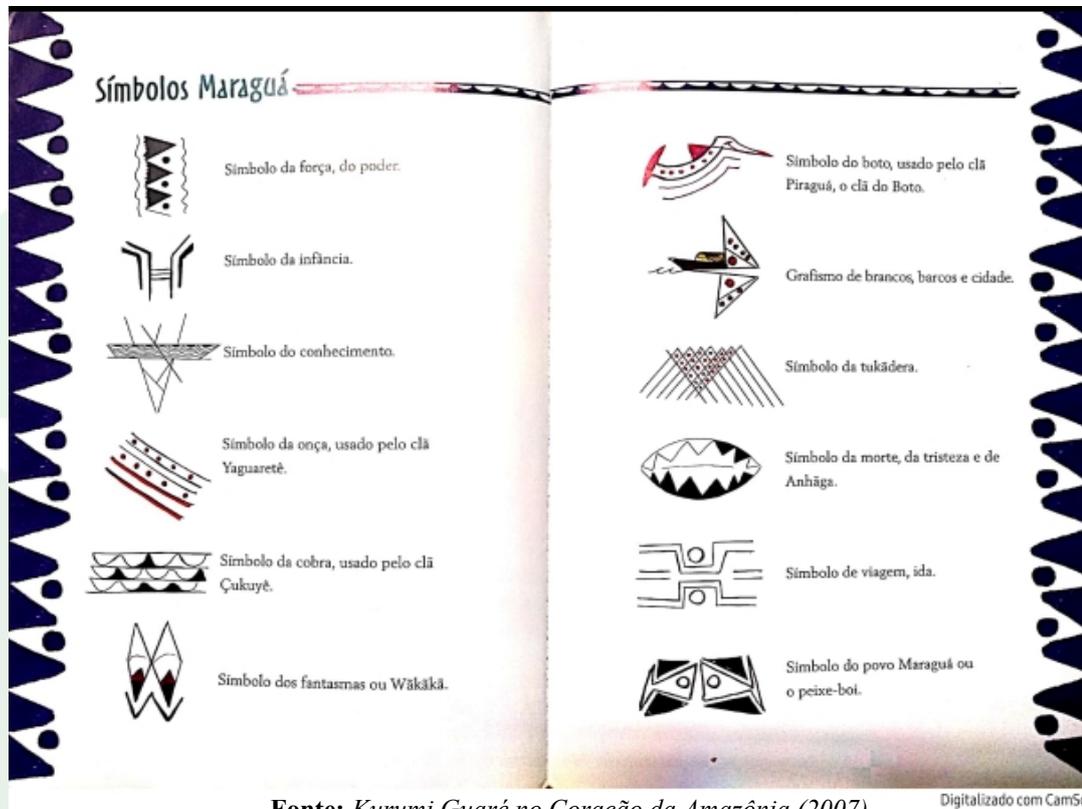
Fonte: Puratig: o remo sagrado (1999)

Figura 2

Apresentando o meu mundo encantado 6	Histórias de boto 51
 Aventuras de infância 9	Branco, barcos e cidades 53
O mais novo da turma 17	 Ritual da tukãdera 65
 Vivendo a tradição 25	Quando perdi meu irmãozinho 71
Encontrando meu espírito 31	 Adeus ao meu mundo encantado 75
 Uma cobra grande no porto de casa 37	Um pouco sobre o meu povo 77
Olhando visajes 45	Glossário 82
	Símbolos Maragá 84

Fonte: Kurumi Guaré no Coração da Amazônia (2007)

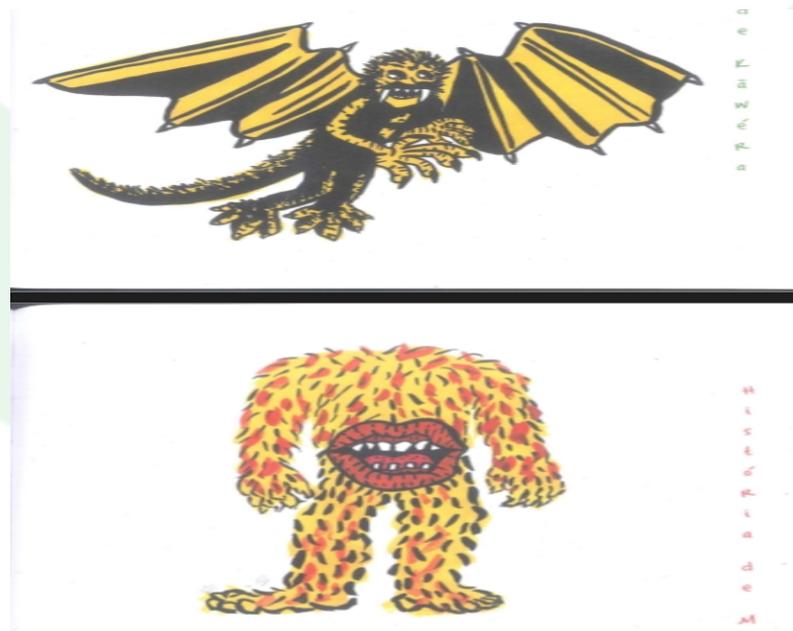
Figura 3



Fonte: Kurumi Guaré no Coração da Amazônia (2007)

Digitalizado com CamScanner

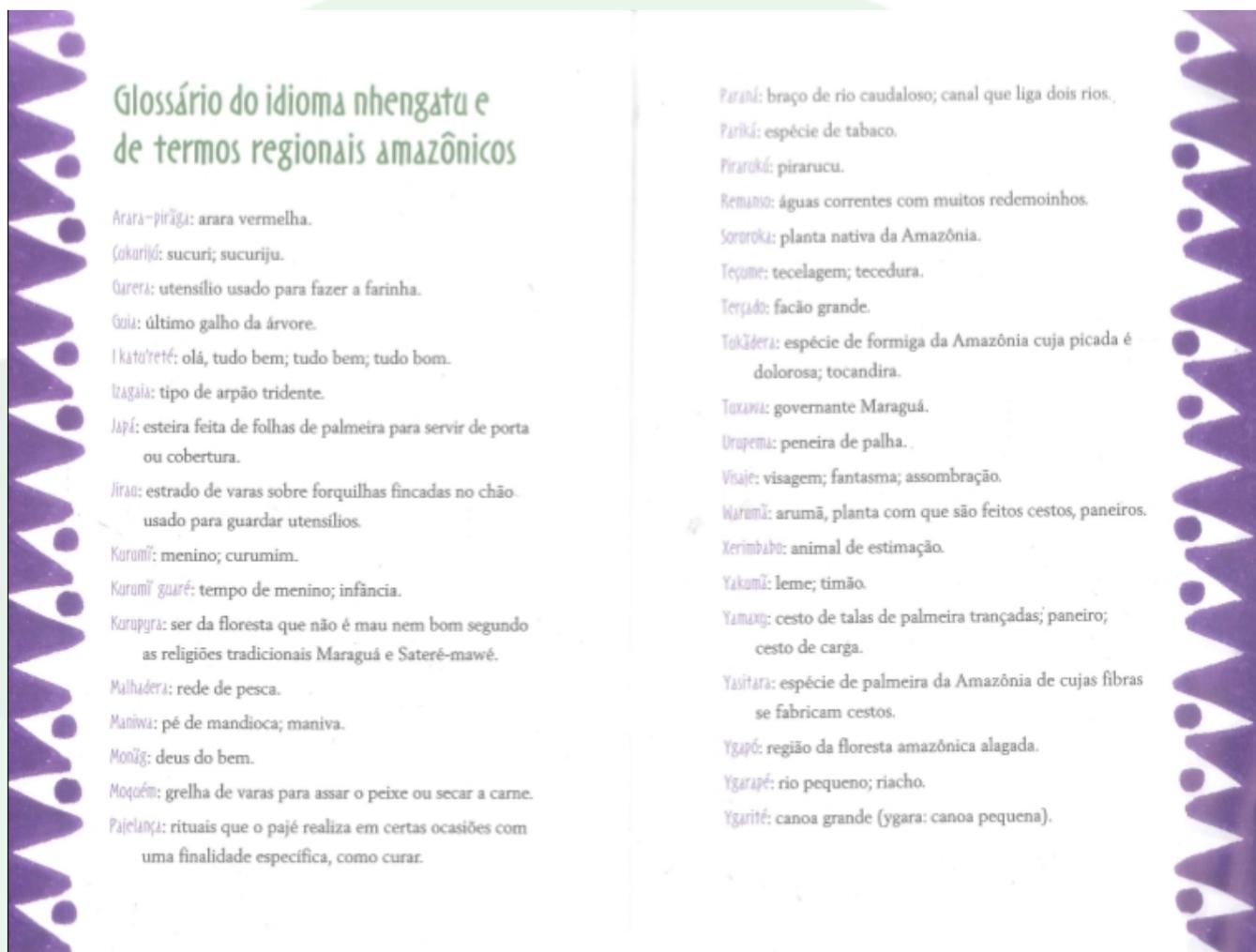
Figura 4



Fonte: Contos da Floresta (2012)

ANEXO 2 GLOSSÁRIOS

Figura 1



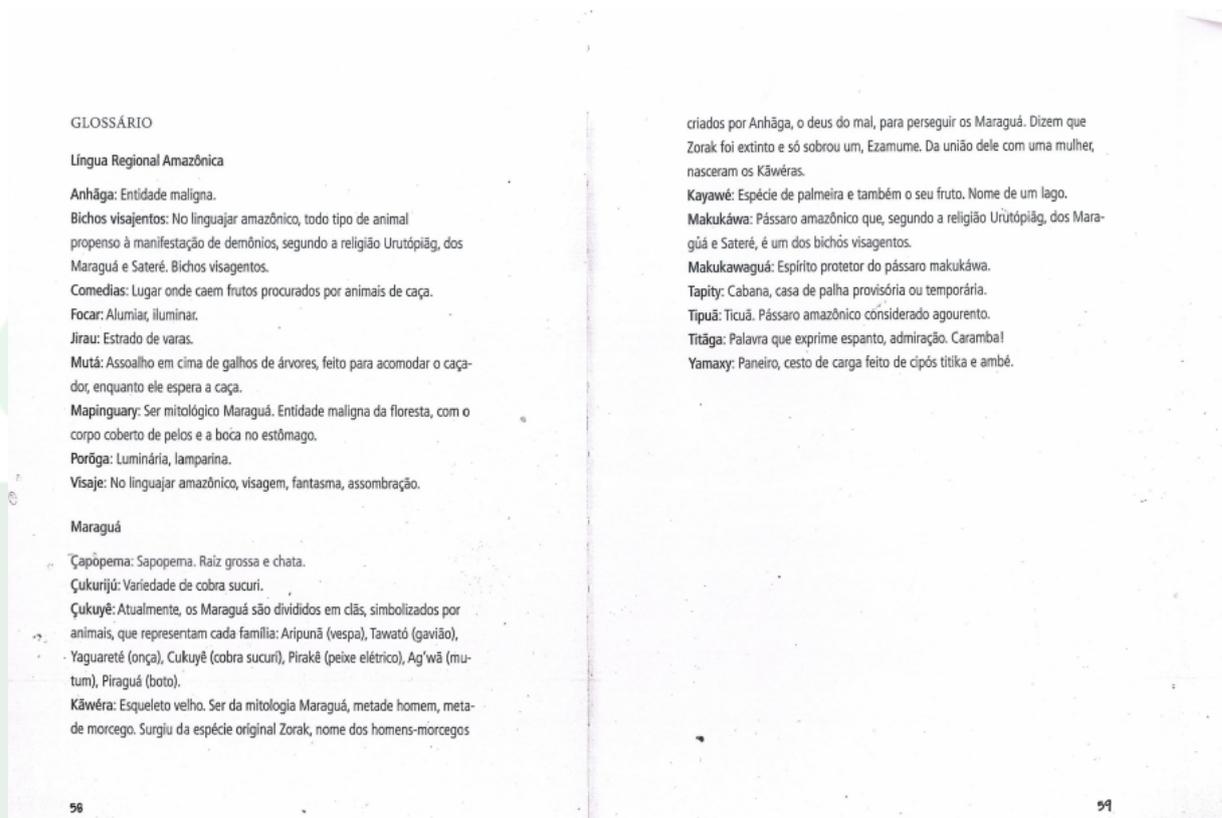
Fonte: *Kurumi Guaré no Coração da Amazônia* (2007)

Figura 2

Glossário de termos das línguas Sateré e Nheengatu	
A'at – sol	falada por povos indígenas, sobretudo no noroeste amazônico. (A expressão <i>língua geral</i> é utilizada para qualificar línguas indígenas de grande difusão numa área.)
Ahiaġ (anhanga) – designação de um certo tipo de demônio	
arara-piranga – arara-vermelha	
awyató – onça	
bacurau – pequeno pássaro noturno de cor cinza	
balata – látex extraído da árvore que tem o mesmo nome	
caiarara – espécie de macaco branco	
caititu – espécie de porco-do-mato	
cuatá – espécie de macaco	
cutite – fruta típica da Amazônia	
gamela – vaso de madeira em forma de cone de tronco invertido, de utilidade doméstica	
garera – utensílio do feitiço da gamela, feito de tronco de árvore escavado, típico do Amazonas	
ġo – roça	
hanuã xuim – espécie de macaco pequeno	
hiwaré – pau-de-chuva	
inambu – ave do tipo galináceo de cor preta	
jirau de juçara – estrado de varas feito de madeira da palmeira juçara	
kaba tapiú – tipo de vespa	
karaxué – sabiá	
kisé – faca	
kuaty-purú – espécie de quati	
limão'ranas – falso-limão, arbusto com espinhos	
macucaua – ave da família dos galináceos de cor preta e branca	
maragká – chocalho feito de cabaça para acompanhar os cantos cerimoniais	
mary-mary – fruta típica da Amazônia	
mi'yp yat – cozinha de forno, casa de palha que abriga o forno para fazer a farinha de mandioca	
muquem – sobra de lenha queimada	
Nheengatu – língua geral que se originou de uma língua do tronco Tupi, sendo atualmente	
	pajurá – fruta típica da Amazônia
	Puratig – remo sagrado, bastão sagrado, onde está gravado o <i>sehalpóre</i> (coleção dos mitos Mawé)
	puxirum – mutirão; trabalho coletivo
	sakpó – bebida feita com o pó do bastão de guaraná ralado misturado com água
	Sateré – designação da língua e do clã
	Sateré – designação do povo
	tawa – vila, grande comunidade
	tawa'i – pequena comunidade, vilarejo
	tawary – fibra têxtil da árvore que tem essa mesma designação
	toram – fim
	tucupy – sumo de mandioca
	tukandéra – espécie de formiga grande e venenosa
	tuxawa – chefe da comunidade
	tuxawa-geral – designação do chefe político de todo o povo Mawé
	waraná – guaraná
	waraná-hóp – guaraná falso (<i>hóp</i> = vermelho); espécie de arbusto semelhante ao guaraná verdadeiro
	waraná-sése – guaraná verdadeiro
	warumã – espécie de palmeira cuja fibra serve para a fabricação de redes, cestos etc.
	Waty – lua
	Wiaperiã – ritual da <i>tukandéra</i> ; nome da luva sagrada utilizada nesse ritual
	yará – canoa
	y'y – água; pode designar lago ou rio, conforme o contexto da fala
	zog-zog – espécie de macaco

Fonte: Puratig: o remo sagrado (1999)

Figura 3



Fonte: *Contos da Floresta* (2012)

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS